

Cenário Econômico

Abril de 2026

Luiz Fernando Araújo, CFA

Alexandre Brito, CFP, CGA

FINACAP
INVESTIMENTOS

1

Cenário Econômico

Internacional

No cenário internacional, o mês de abril foi marcado pela continuidade das tensões no Oriente Médio. Entre várias rodadas de negociação entre EUA e Irã, foi anunciado um cessar-fogo na região, mas as tratativas voltaram a travar no final do mês após o governo iraniano recusar qualquer avanço diplomático enquanto o bloqueio naval americano estivesse em vigor. Nesse sentido, com o Estreito de Ormuz ainda sob pressão, o petróleo se manteve acima de US\$ 100 por barril, afetando o ambiente inflacionário, monetário, bem como os mercados ao redor do mundo.

Nos EUA, a atividade econômica mostrou uma resiliência acima do esperado diante do cenário de juros elevados e incerteza geopolítica. Os dados do PIB registraram crescimento de 2,0% a.a. no primeiro trimestre de 2026 em relação ao dado de 0,5% do 4T25. O resultado foi sustentado por um consumidor ainda saudável, pelo avanço dos investimentos em inteligência artificial e por uma criação de empregos que, em março, superou em quase três vezes a expectativa dos analistas.

No campo inflacionário, o cenário se tornou mais complexo. O choque do preço do petróleo impulsionou os dados do PCE (Índice de Preços do Consumo Pessoal, referência de inflação preferida pelo Fed) para 3,50% ao ano. Além disso, a inflação de serviços, que costuma ser mais difícil de conter, também segue elevada, o que tende a prolongar o período de juros altos nos EUA.

Diante desse contexto, o Federal Reserve decidiu na reunião de abril por manter os juros no intervalo entre 3,50% a 3,75%, com uma

comunicação mais cautelosa do que o esperado. A mensagem foi clara: o corte de juros está condicionado a novos dados consistentes que constem uma diminuição de inflação. Com isso, a expectativa de pelo menos um corte ainda em 2026, que antes circulava no mercado, vem se tornando mais remota.

Nesse sentido, os títulos do tesouro americano sentiram o efeito dessa postura mais firme, com as taxas de juros de longo prazo subindo ao longo do mês. Dessa forma, o título do tesouro americano (T-Bond) de 10 anos encerrou o mês de abril negociando a taxa de 4,40%, uma abertura em comparação com o patamar de 4,30% no final de março/2026.

Na Zona do Euro, a atividade econômica tem dado sinais de desaceleração. O PMI composto (Índice de Gerentes de Compras, um termômetro da atividade econômica) caiu para 48,6, entrando em contração pela primeira vez em mais de um ano. Além disso, A inflação ao consumidor voltou a subir, chegando a 3,0% ao ano em abril, e os custos das empresas estão no nível mais alto em três anos.

Dessa forma, o BCE (Banco Central Europeu) decidiu por manter a taxa de depósito em 2,0% ao ano, na reunião de 30 de abril, adotando um tom cauteloso e admitindo a possibilidade de uma alta de taxa de juros. Com isso, a Presidente Lagarde deixou pouca margem para dúvidas ao sinalizar que a direção já está definida, indicando que a manutenção foi uma pausa para coletar mais dados antes de junho, em meio às incertezas do cenário global.

Na China, o início do ano surpreendeu positivamente: o PIB do primeiro trimestre cresceu 5,0% frente ao mesmo período de 2025, acelerando em relação ao ritmo do trimestre anterior e chegando ao teto da meta estabelecida pelo governo. Apesar do bom resultado, a reunião mensal do Politburo, principal instância de poder político do

país, adotou um tom mais contido em relação a estímulos. O governo deixou claro que não há pressa para agir: enquanto as exportações seguirem sustentando a atividade, não há motivo para ampliar o apoio de forma generalizada.

Nesse sentido, o governo retirou menções a cortes de juros e de reservas compulsórias dos bancos (mecanismos usados para injetar liquidez na economia), substituindo-as por um compromisso de política "precisa e efetiva", o que, na prática, sinaliza menor disposição para estímulos amplos no curto prazo.

No setor imobiliário, o governo recuou o compromisso de absorver estoques de imóveis não vendidos, indicando que o setor perdeu urgência na agenda. Por fim, diante do conflito no Oriente Médio, a segurança energética ganhou espaço em detrimento das metas climáticas, enquanto a estabilidade do câmbio, investimentos em inteligência artificial e a confiança dos investidores foram reafirmados como prioridades.

Em relação ao desempenho dos mercados, a bolsa americana segue negociando a patamares de valuation esticados, com um P/L (preço/lucro) do S&P 500 em 19,2x, de acordo com dados do BTG Pactual.

O recuo da aversão ao risco ao longo do mês, favorecido pelo cessar-fogo no Oriente Médio e pela resiliência dos resultados das empresas americanas, abriu espaço para uma recuperação das bolsas globais. O S&P 500 apresentou alta de 10,42% no mês, e acumula valorização de 5,31% no ano. O índice Nasdaq teve alta de 15,29% no mês, e acumulou valorização de 7,10% no ano.

O Shanghai Composite, índice do mercado de ações chinês, apresentou alta de 5,66% no mês, e acumulou valorização de 3,61% no ano.

No câmbio, o Real se valorizou frente ao Dólar na ordem de 4,42%, encerrando a cotação em R\$ 4,9886/US\$. No ano, a moeda brasileira apresentou apreciação de 9,34%.

Por fim, o dólar se depreciou frente às moedas de países desenvolvidos, com uma queda de 1,90% no índice DXY no mês. No ano, o índice acumulou desvalorização de 0,26%.

Brasil

No cenário doméstico, o mês de abril foi fortemente influenciado pelo ambiente externo adverso. O choque de petróleo se transmitiu para os combustíveis no Brasil, pressionando a inflação e levando o Banco Central a adotar um comunicado mais duro do que o esperado. Ao mesmo tempo, o diferencial de juros brasileiro em relação ao restante do mundo continuou atraindo capital estrangeiro para ativos locais, sustentando o desempenho do câmbio e da bolsa ao longo de boa parte do mês.

No campo inflacionário, a alta das commodities energéticas elevou os preços dos combustíveis e pressionou o IPCA para 4,14% a.a. em março. A prévia de abril, medida pelo IPCA-15, ficou em 4,37% ao ano, mostrando que a pressão seguiu crescente ao longo do mês. As expectativas do mercado para os próximos doze meses também pioraram, refletindo os efeitos indiretos do choque energético sobre os custos de produção e sobre o comportamento dos preços à frente.

Em resposta, o governo optou por não adotar medidas extraordinárias de intervenção nos preços dos combustíveis, mantendo a política de referência pelo mercado internacional como parâmetro para a Petrobras. A postura sinalizou compromisso com a previsibilidade da política de preços, ainda que isso implique maior repasse da volatilidade externa para o consumidor final.

Na política monetária, o Banco Central deu continuidade ao ciclo de corte de juros, reduzindo a Selic em 0,25 p.p. para 14,50% ao ano na reunião de abril. A decisão veio, porém, acompanhada de um comunicado firme: o Copom reconheceu a piora das medidas de inflação subjacentes, elevou os riscos altistas para os preços e sinalizou que não só o ritmo, mas também a extensão do ciclo de cortes, passou a ser objeto de reavaliação.

Dessa forma, antes do conflito no Oriente Médio o Boletim Focus registrava uma expectativa da Selic em torno de 12% ao final de 2026. Após o comunicado de abril, essa estimativa subiu para cerca de 13%, refletindo cautela diante de um cenário externo ainda incerto.

Em relação aos mercados, o índice IRF-M registrou valorização de 1,24% no mês, e agrega alta de 3,63% no ano. Do mesmo modo, o IMA-B negociou em alta de 1,81% no mês, apresentando valorização de 4,85% no ano. A NTN-B de 2035 encerrou o mês de abril/2026 negociando à taxa de IPCA + 7,52%, registrando um fechamento de curva em relação ao mês de março/2026, quando negociava à taxa de IPCA + 7,56%.

Na bolsa, o Ibovespa encerrou abril praticamente estável. O fluxo estrangeiro, que havia sido o principal suporte do mercado ao longo do mês, perdeu força e se reverteu parcialmente nos últimos pregões. Ainda assim, o saldo de abril permaneceu positivo, em cerca de R\$ 3,2 bilhões.

Com isso, o Ibovespa fechou o mês com leve queda de 0,08%, aos 187.317 pontos. No acumulado do ano, a bolsa brasileira registra valorização de 16,26%.

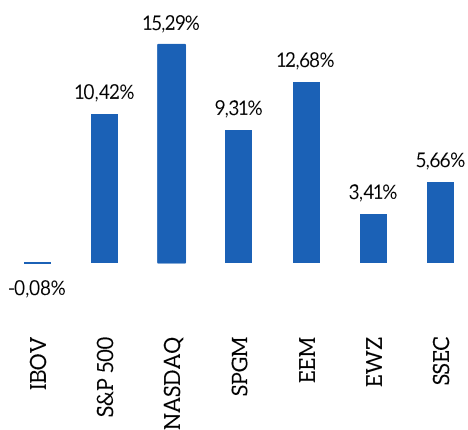
Por fim, de acordo com a última pesquisa divulgada pelo BTG Pactual, o Ibovespa negocia a uma relação Preço/Lucro (P/L) de 9,5x.

2

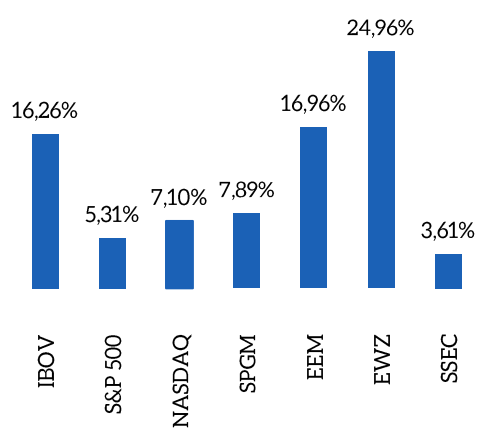
Mercados

Bolsa de Valores

Desempenho no mês

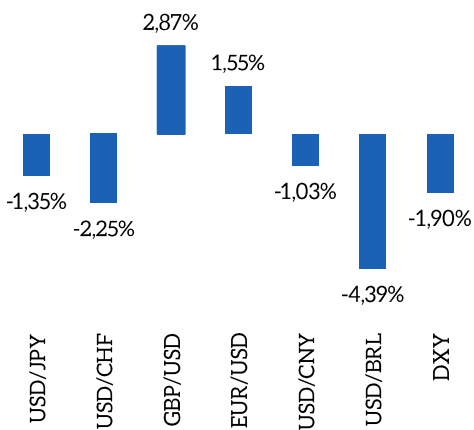


Desempenho no ano

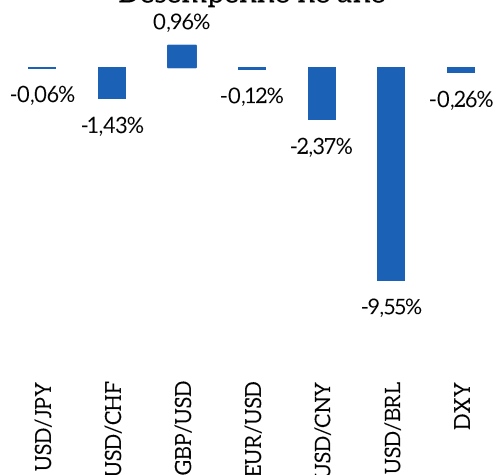


Câmbio

Desempenho no mês



Desempenho no ano



- SPM: SPDR Portfolio MSCI Global Stock Market

- EEM: iShares MSCI Emerging Markets ETF

- EWZ: iShares MSCI Brazil ETF

- SSEC: Shanghai Composite

- USD/JPY: Dólar/Iene

- USD/CHF: Dólar/Franco Suíço

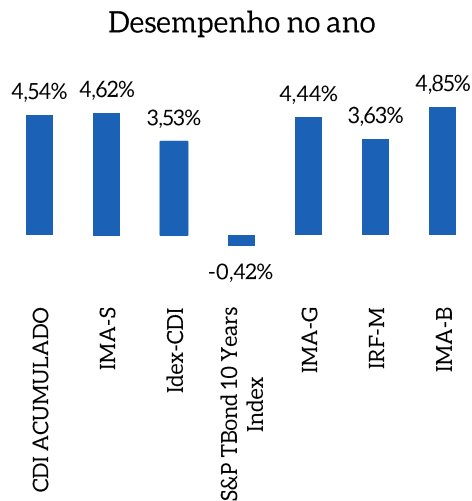
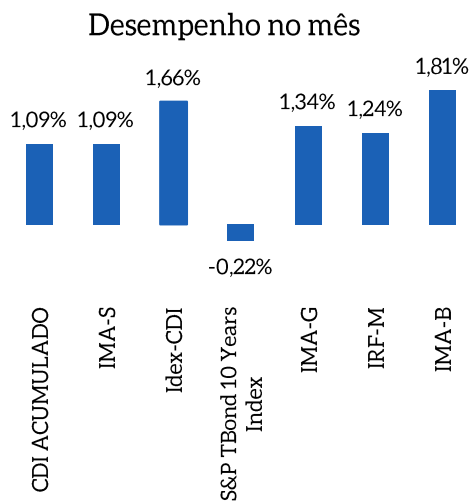
- GBP/USD: Libra Esterlina/Dólar

- EUR/USD: Euro/Dólar

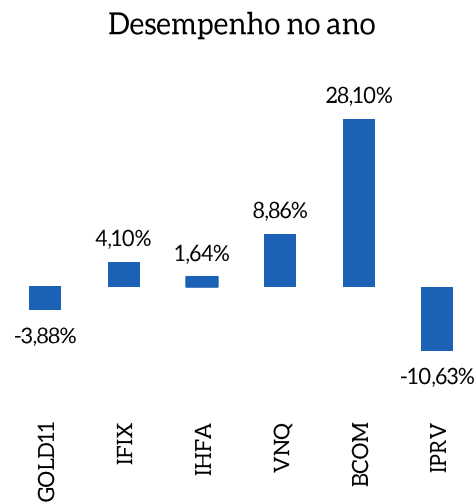
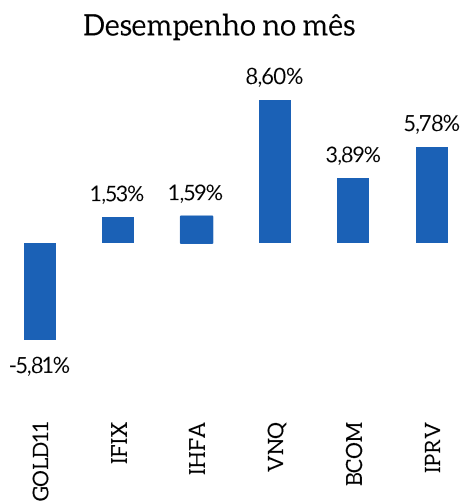
- USD/YUAN: Dólar/Yuan Chinês

- DXY: Índice Dólar

Renda Fixa



Alternativo



- IMA-S: Índice composto por LFTs

- IMA-G: Índice composto por títulos públicos, excluindo indexados ao IGP-M

- IRF-M: Índice de uma carteira com títulos préfixados

- IMA-B: Índice composto por NTN-B

- GOLD11: ETF que replica a variação do ouro em dólar

- IFIX: Índice de Fundos Imobiliários

- IHFA: Índice de Hedge Funds ANBIMA

- VNQ: Vanguard Real Estate Index Fund ETF Shares

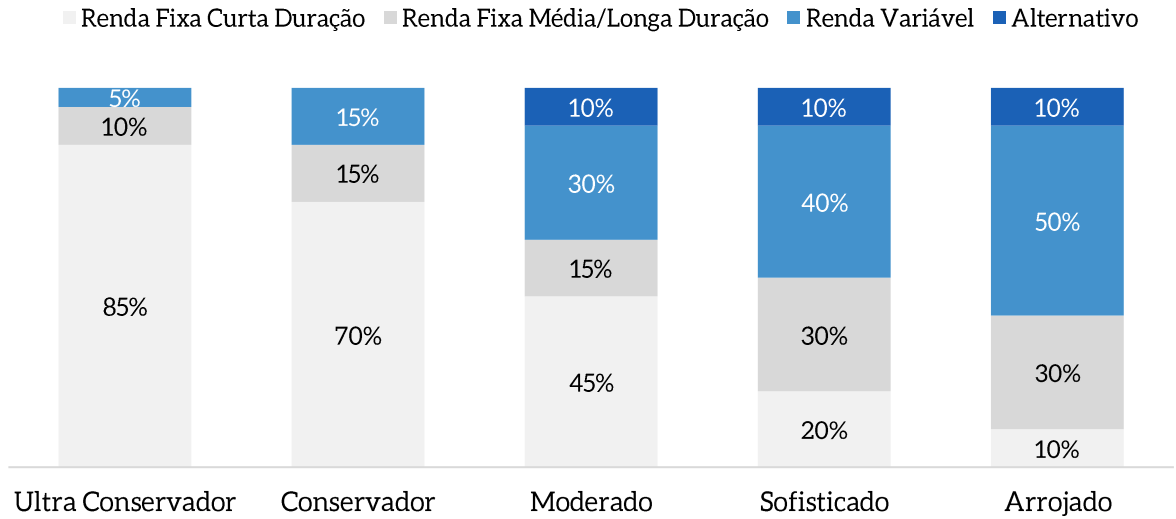
- BCOM: Bloomberg Commodity

- IPRV: iShares Listed Private Equity UCITS

3

Estratégia

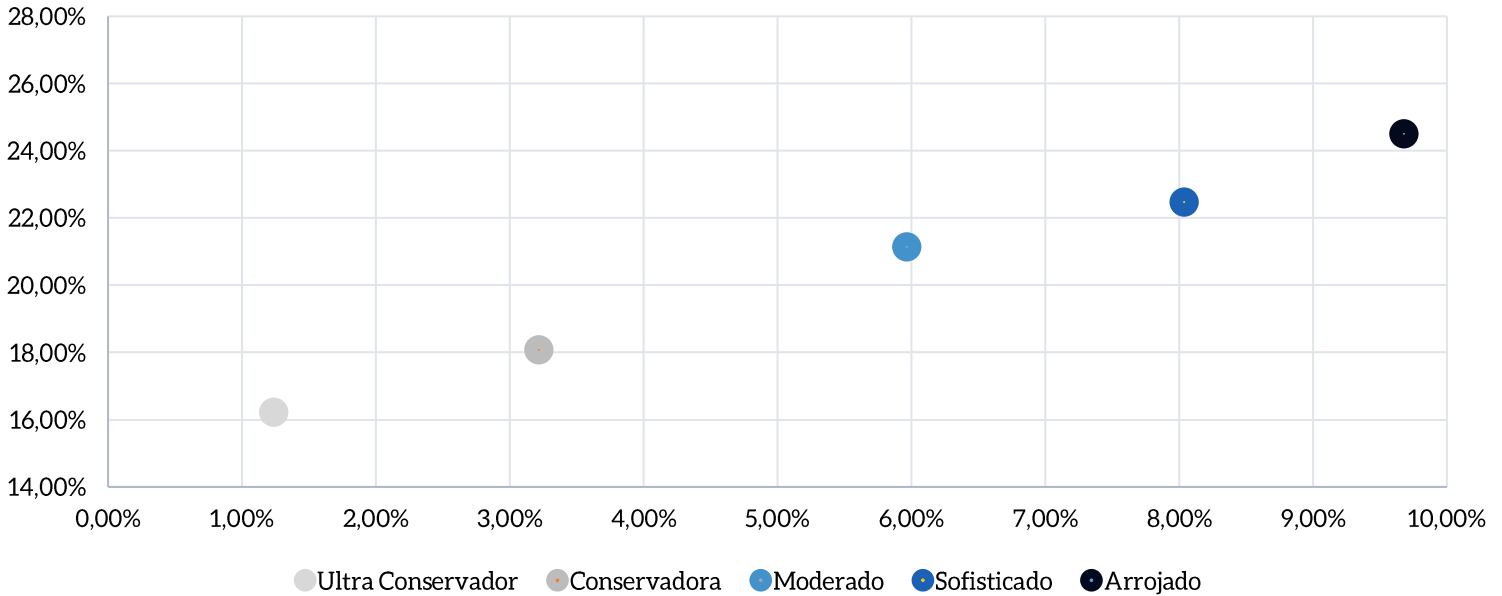
ALOCAÇÃO ESTRATÉGICA



ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

	Ultra Conservador	Conservador	Moderado	Sofisticado	Arrojado
Renda Variável	-0,02%	-0,07%	-0,14%	-0,18%	-0,23%
RF Curta Duração	0,97%	0,80%	0,52%	0,23%	0,11%
RF Média/Longa Duração	0,06%	0,09%	0,09%	0,19%	0,19%
Alternativo	0,00%	0,00%	0,15%	0,15%	0,15%
Total	1,01%	0,83%	0,63%	0,39%	0,23%

RELAÇÃO RISCO VS RETORNO (12M)

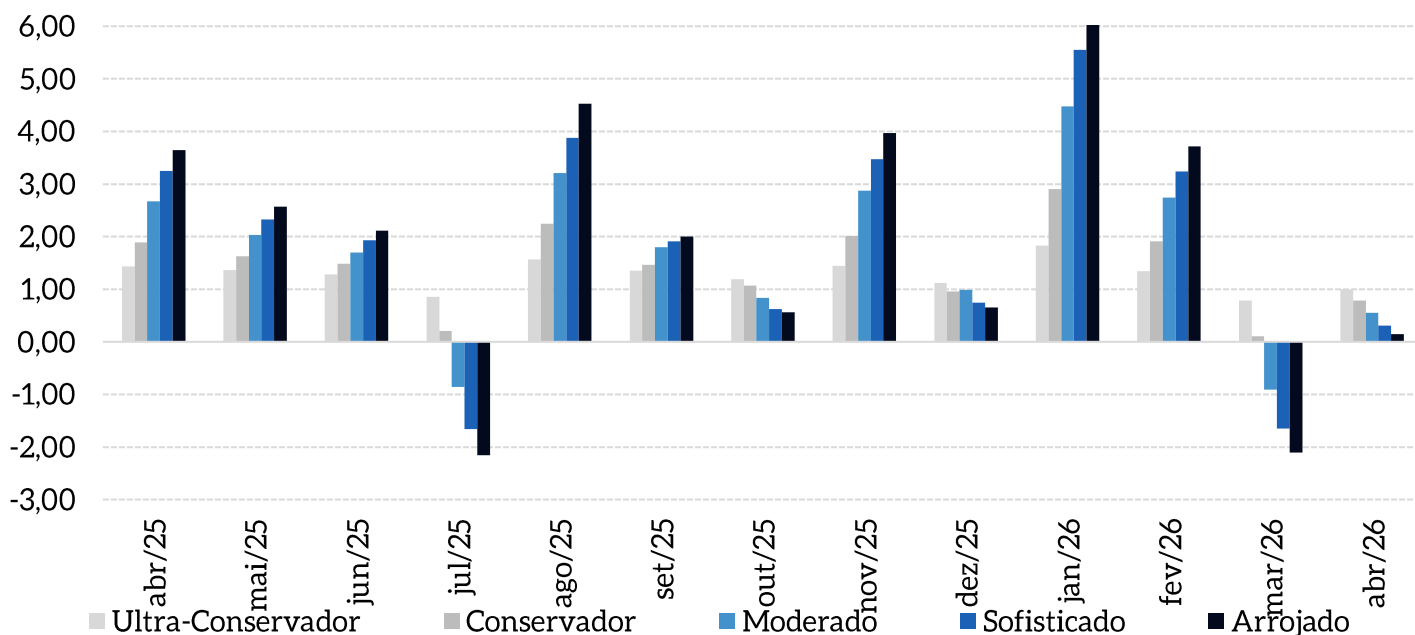


ESTATÍSTICA

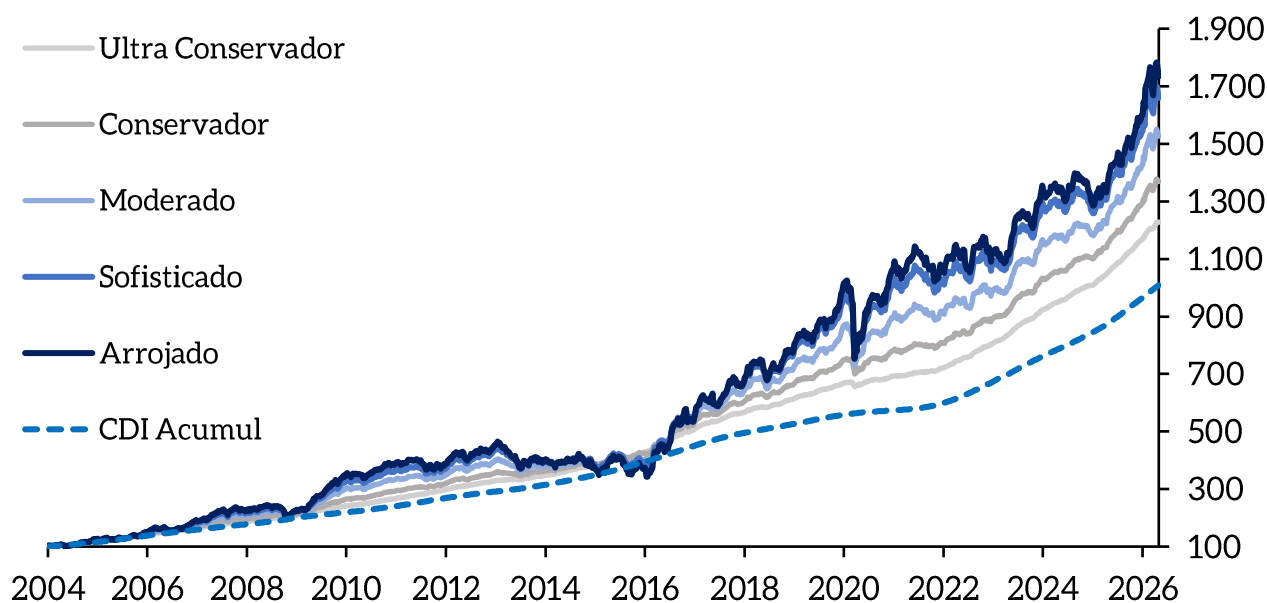
	Retorno Médio Anual*	Retorno No Mês	Retorno No Ano	Retorno 12 meses	Retorno 24 meses	Retorno 36 meses	Retorno 60 meses
Ultra Conservador	9,31%	1,00%	5,04%	16,20%	29,23%	46,48%	75,67%
Conservador	10,06%	0,78%	5,81%	18,07%	30,13%	48,79%	73,05%
Moderado	11,13%	0,55%	6,96%	21,13%	30,71%	52,26%	66,85%
Sofisticado	11,89%	0,31%	7,52%	22,46%	29,97%	52,44%	60,27%
Arrojado	12,63%	0,15%	8,29%	24,50%	31,00%	55,03%	58,69%
CDI	8,47%	1,09%	4,54%	14,83%	27,99%	43,75%	74,58%
IBOVESPA	13,02%	-0,08%	16,26%	38,69%	48,75%	79,37%	57,55%

	Qtd Retornos >0 (anual)	Qtd Retornos <0 (anual)	Maior Retorno Anual	Menor Retorno Anual	Maior Retorno Mensal	Menor Retorno Mensal	Volatilidade 12 meses
Ultra Conservador	22	0	19,14%	3,12%	2,60%	-1,56%	1,24%
Conservador	22	0	24,58%	2,09%	5,09%	-4,43%	3,22%
Moderado	21	1	38,53%	-4,36%	9,51%	-9,97%	5,97%
Sofisticado	19	3	48,41%	-9,31%	12,24%	-13,73%	8,04%
Arrojado	16	6	57,01%	-12,20%	14,71%	-16,52%	9,68%

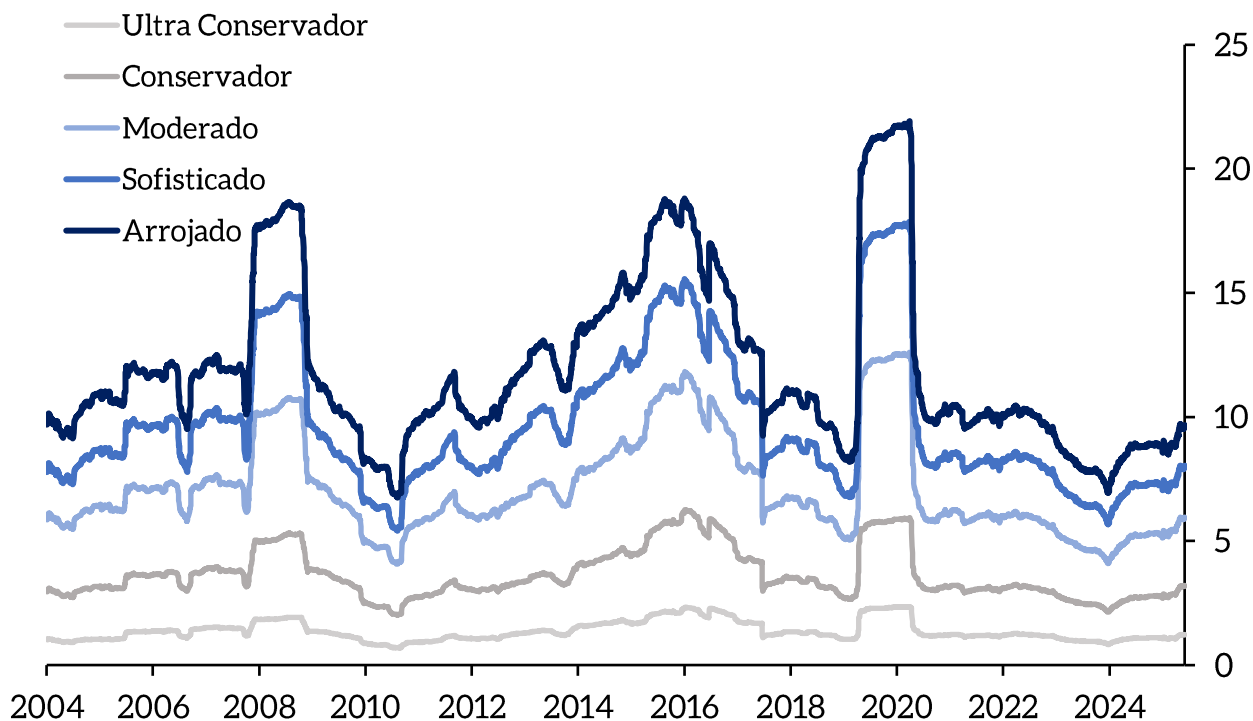
RETORNO MENSAL



DESEMPENHO ACUMULADO



VOLATILIDADE ANUAL



Disclaimer: As informações acima se referem a uma SIMULAÇÃO DE CARTEIRA DE INVESTIMENTOS e não traduzem ou refletem a posição do investidor com a Finacap Investimentos LTDA. (CNPJ 01.294.929/0001-33). Este relatório tem propósito informativo, o material não deve ser entendido como análise, material promocional, solicitação de compra ou venda, oferta ou recomendação de qualquer ativo financeiro ou investimento, sugestão de alocação ou adoção de estratégias por parte dos destinatários. Este material não deve ser considerado uma oferta para compra de cotas dos fundos. As informações referem-se às datas mencionadas. Os investidores devem buscar aconselhamento profissional com relação aos aspectos tributários, regulatório e outros que sejam relevantes à sua condição específica, sendo que o presente material não foi elaborado com esta finalidade. A Finacap Investimentos LTDA. não se responsabiliza por decisões de investimentos que venham a ser tomadas com base nas informações divulgadas. Leia o prospecto e o regulamento antes de investir. Fundos de investimento, renda variável e alguns produtos de renda fixa não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de créditos - FGC. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos (se aplicável) e taxa de saída (se aplicável). Muito importante a adequada compreensão da natureza, forma de rentabilidade e riscos dos produtos antes da sua aquisição. Os investidores devem obter orientação financeira independente, com base em suas características pessoais, antes de tomar uma decisão de investimento. A rentabilidade de instrumentos financeiros e produtos pode apresentar variações e seu preço ou valor pode aumentar ou diminuir. A Finacap Investimentos se exime de qualquer responsabilidade por quaisquer prejuízos, diretos ou indiretos, que venham a decorrer da utilização das informações veiculadas ou de seu conteúdo. É terminantemente proibida a utilização, acesso, cópia ou divulgação não autorizada das informações aqui veiculadas. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade de instrumentos financeiros e produtos pode apresentar variações e seu preço ou valor pode aumentar ou diminuir. *Retorno médio anual considera data de início como 01/01/2016.